

CHURRA GALEGA BRAGANÇANA PRETA



Área de dispersão dos criadores



No ano de 2018 constam no Livro Genealógico de Adultos: 2793 ovelhas e 122 carneiros, em 34 criadores.

Raça Autóctone

História e Evolução

O ovino Galego Bragançano, como todos os outros englobados tradicionalmente, nas raças churras autóctones, tem relações filogénicas com o *Ovis aries studery*.

A população da Terra Fria ligada desde sempre à exploração pecuária, dedicou particular atenção à ovinicultura, reconhecendo os benefícios que esta lhe proporcionava em matéria de alimentação, agasalho e fertilização do solo agrícola. Estes fatores de ordem histórica e económica, contribuíram para que a ovelha Churra Galega Bragançana permanecesse longo tempo nesta região, sem fluxo de genes com outras populações, distinguindo-se como um animal com características genéticas bem diferenciadas.

O registo dos ovinos bragançanos iniciou-se em 1991 tendo, desde aí, o sistema de produção apresentado algumas alterações: diminuição dos produtores sem terra, aumento da área de pastoreio em consequência da diminuição do número de explorações. Crescente tem também sido o número de cabeças que constituem o rebanho, assim como, a utilização das corriças, levando a uma maior incidência de doenças infecto-contagiosas e uma menor função na fertilização dos solos. Reconhecida em 2015, de cor totalmente preta, outrora dominante, esteve quase desaparecida em virtude da menor valorização das suas lãs, renasce hoje por opção dos criadores que lhe atribuem uma maior rusticidade e sabor mais intenso.

A raça aloja-se nos concelhos de Bragança, Vinhais, Mirandela, Macedo de Cavaleiros e Valpaços.

A região do Solar está abrigada de norte e oeste pelos cordões montanhosos referidos e é drenado de norte para sul pelas duas bacias hidrográficas mais importantes, o Tuela a ocidente e o Sabor na vertente oriental.

O regime climático é caracterizado pela sua mediterraneidade, o que quer dizer que há uma assimetria entre os regimes de precipitação e de temperatura.

O que caracteriza esta paisagem, é uma sábia ocupação do espaço, já que as zonas forrageiras, os lameiros, estão localizadas ao longo das linhas de água na base das vertentes. Nas zonas de solos mais delgados, localizados nos maiores declives, o homem manteve a floresta climática na base do carvalho negral.

Nas proximidades das aldeias, adequadamente integradas, os solos com maior capacidade produtiva foram ocupados por culturas hortícolas e frutícolas. Nas zonas mais aplanadas, anteriormente ocupadas por bosques, a ocupação foi baseada na cerealicultura, estando esta devidamente compartimentada, quer por matas de carvalhos, quer por soutos de castanheiros, cuja importância económica num regime de silvo-pastorícia é por demais importante, nomeadamente para ovinicultura.

Padrão da Raça

Aspetto geral - Estatura média a grande em que a altura dos membros e do tórax lhe confere o característico aspeto pernalteiro;

Pele e pelagem - De cor preta apresentando-se fina e untuosa;

Velo - Pouco extenso, não recobrimdo a cabeça, o terço anterior do pescoço, a barriga e os cabos, composto por madeixas pontiagudas;

Cabeça - Possui um tamanho médio, é deslanada e com um perfil sub-convexo. As fêmeas não apresentam cornos, os quais aparecem frequentemente nos machos. Orelhas medianas e de alta inserção. Arcadas orbitais salientes, com olhos grandes;

Pescoço - Comprido e delgado, tendo má ligação ao tronco. Sem barbela e deslanado no terço anterior;

Tronco - Peito estreito, garrote e espáduas pouco destacadas. Linha dorso lombar horizontal. Garupa um tanto descaída e pouco volumosa. Cauda comprida;

Membros - Altos, finos e deslanados nas extremidades livres. Unhas rijas;

Úbere - Globoso, com tetos bem implantados.

Sistemas de exploração

Na maior parte do ano, os animais vivem ao ar livre, pernoitando nas cancelas, em terrenos a estrumar.

No verão, devido às elevadas temperaturas, pastoreiam durante a noite e passam a maior parte do dia nos esteios, locais arborizados, escolhidos com a finalidade de lhes proporcionar sombra.

A alimentação é constituída por ervas espontâneas dos incultos e pousios, associada aos fracos recursos alimentares oferecidos pelas espécies arbustivas (estevas, giestas, arçãs, urzes, tojos, silvas etc.), com suplementação de feno e grão de centeio ou cevada variável, segundo a altura do ano e o manejo reprodutivo.

As principais alterações no manejo nesta raça têm incidido no aumento da área disponível para pastoreio, na maior utilização das corriças assim como na crescente produção forrageira de aveia para feno e de milharadas e centeio para pastoreio. Observa-se também, diminuição do tempo de pastoreio e aumento dos efetivos que se mantêm ativos.